

# Saberes tradicionais e artesanato

*expressões culturais do campo brasileiro*



Cesar De David | Daiane Loreto de Vargas  
(Orgs.)



2ª edição - E-book

# **Saberes tradicionais e artesanato**

**Expressões culturais  
do campo brasileiro**



**Cesar De David  
Daiane Loreto de Vargas  
(Orgs.)**

**Saberes tradicionais  
e artesanato**  
**Expressões culturais  
do campo brasileiro**

**2ª edição  
E-book**



**2018**

© Dos autores – 2018

Editoração: Oikos

Capa: Juliana Nascimento

Revisão: Carlos A. Dreher

Arte-final: Jair de Oliveira Carlos

Impressão: Allprint

Conselho Editorial (Editora Oikos):

Antonio Sidekum (Ed.N.H.)

Avelino da Rosa Oliveira (UFPEL)

Danilo Streck (Unisinos)

Elcio Cecchetti (UNOCHAPECÓ e GPEAD/FURB)

Eunice S. Nodari (UFSC)

Haroldo Reimer (UEG)

Ivoni R. Reimer (PUC Goiás)

João Biehl (Princeton University)

Luís H. Dreher (UFJF)

Luiz Inácio Gaiger (Unisinos)

Marluza M. Harres (Unisinos)

Martin N. Dreher (IHSL)

Oneide Bobsin (Faculdades EST)

Raúl Fonet-Betancourt (Aachen/Alemanha)

Rosileny A. dos Santos Schwantes (Uninove)

Vitor Izecksohn (UFRJ)

Editora Oikos Ltda.

Rua Paraná, 240 – B. Scharlau

93120-020 São Leopoldo/RS

Tel.: (51) 3568.2848

contato@oikoseditora.com.br

www.oikoseditora.com.br

S115 Saberes tradicionais e artesanato: expressões culturais do campo brasileiro [e-book] / Organizadores: Cesar De David e Daiane Loreto de Vargas – São Leopoldo: Oikos, 2018.

251 p.; il.; 16 x 23 cm.

ISBN 978-85-7843-828-9

1. Cultura. 2. Cultura popular. 3. Tradição. 4. Produção artesanal. I. David, Cesar De. II. Vargas, Daiane Loreto de.

CDU 008

Catálogo na Publicação: Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil – CRB 10/1184

Dedicamos este trabalho a todas as comunidades do campo  
que se reproduzem socioeconomicamente a partir  
da prática dos seus saberes tradicionais.



## Sumário

Apresentação .....	9
<i>Cesar De David</i>	
<i>Daiane Loreto de Vargas</i>	
Artesanato, territorialidades étnicas e agricultura familiar: dinâmicas socioculturais e mercantis no meio rural: o caso da Rota das Salamarias .....	15
<i>João Carlos Tedesco</i>	
Patrimônio cultural e produção artesanal de alimentos: o saber-fazer em sistemas de produção na Quarta Colônia-RS .....	44
<i>Gisele Martins Guimarães</i>	
<i>Rogério Oliveira Pinheiro</i>	
A produção artesanal do queijo canastra e a tradição familiar .....	62
<i>João Batista Villas Boas Simoncini</i>	
<i>Cesar De David</i>	
Manejos pecuários: ofícios e saberes artesanais .....	87
<i>Flávia Maria Silva Rieth</i>	
<i>Daniel Vaz Lima</i>	
Aspectos de gênero e saberes no processo artesanal em lã: contexto da comunidade rural da Vila Progresso em Caçapava do Sul-RS .....	104
<i>Daiane Loreto de Vargas</i>	
<i>Marco Antônio Verardi Fialho</i>	
O cultivo do porongo e a produção artesanal da cuia do chimarrão ...	125
<i>Janete Webler Cancelier</i>	
<i>Cesar De David</i>	
Artesanato e identidade territorial: o caso da Costa Doce .....	141
<i>Carolina Iuva de Mello</i>	
<i>José Marcos Froehlich</i>	

Práticas de cestaria dos Kaingang da Terra Indígena Xapecó: um olhar etnomatemático .....	157
<i>Tanabi Sufiatti</i>	
<i>Luci dos Santos Bernardi</i>	
A produção artesanal da Casa Quilombola: reprodução intergeracional do saber-fazer na Comunidade de São João .....	177
<i>Tanize Tomasi Alves</i>	
<i>Francine Iegelski</i>	
<i>Cicilian Luiza Löwen Sahr</i>	
Intergeracionalidades no Quilombo de Itamatatiua: a contação de histórias como abordagem sistêmica do <i>design</i> com vistas na continuidade das práticas artesanais .....	193
<i>Glauba Alves do Vale Cestari</i>	
<i>Luiz Fernando Gonçalves de Figueiredo</i>	
<i>Eliete Auxiliadora Assunção Ourives</i>	
Gestão da comunicação turística e artesanato .....	215
<i>Mônica Elisa Dias Pons</i>	
Narrativas de uma etnografia na feira: é só sentar e escrever? .....	229
<i>Maria Catarina Chitolina Zanini</i>	
Sobre os autores e as autoras .....	249

# Manejos pecuários: ofícios e saberes artesanais<sup>1</sup>

*Flávia Maria Silva Rieth*  
*Daniel Vaz Lima*

A lida campeira constitui um conjunto de atividades que inventam (WAGNER, 2010) o modo de vida campeiro, território de existência das relações entre animais humanos, outros animais e ambiente. Este modo de vida tem sua persistência na transformação/ruína do trabalho artesanal. Assim, foram inventariados os ofícios do pastoreio, da lida caseira, ofício do guasqueiro (fazedor de artefatos e utensílios em couro), do alambrador (que constrói alambrados), dos tropeiros, dos domadores, dos esquiladores (que fazem a tosa de ovinos), atividades executadas pelos campeiros, que sabem fazer a lida da pecuária.

No ano de 2017, o registro da lida nos campos lisos, na região de Bagé, ganha continuidade nos campos dobrados, os campos de pedra do Alto Camaquã, a partir da parceria com a Associação para o Desenvolvimento Sustentável da Região do Alto Camaquã (ADAC). A relacionalidade com o ambiente demonstra-se como uma *malha* (INGOLD, 2012), um emaranhado de vida, que abrange atividades outras, como a do artesanato em lã, que atesta a presença de ovelhas na região, e a lida caseira, associada às mulheres, onde ocorre a feitura de doces e compotas, por exemplo.

Pensar o trabalho artesanal no mundo contemporâneo nos remete ao antropólogo Roy Wagner (2010, p. 29), quando este afirma que uma antropologia que não busque “ultrapassar os limiares de suas próprias convenções”, que não deposite a imaginação no mundo da experiência, haverá de ser mais uma ideologia do que uma ciência. Na realidade, as definições da maneira como estamos inseridos no campo depende muito do próprio campo, pois são as situações vividas que definem questões sobre distanciamen-

---

<sup>1</sup> Uma versão prévia deste trabalho foi apresentada na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA), no GT 47 – Ofícios e profissões: memória social, identidades e construção de espaços e sociabilidade, em 2016.

to, engajamento e intervenção, dilemas éticos e morais, além do conhecimento que aprendemos e compartilhamos nessas experiências de estrada, de lida e de vida.

Essas implicações estão pautadas na etnografia, entendida pela antropóloga Mariza Peirano (2014) enquanto uma “formulação teórico-etnográfica”, um conhecimento reflexivo constituído a partir da experiência vivenciada no trabalho de campo e o diálogo com a teoria antropológica. A etnografia, para além de *uma descrição etnográfica de*, cada vez mais em nossos trabalhos foi tomando o rumo de um *pensar com*. Assim, estarmos dispostos a aprender com os nossos interlocutores e pensarmos juntos sobre a lida, em seus múltiplos saberes e fazeres – e a vida nos levou a uma redefinição do social (LATOUR, 2012), atentando para as sociabilidades entre o humano com as outras vidas que habitam o pampa. Além disso, uma série de engajamentos vêm suscitando nosso fazer antropológico/etnográfico. São compromissos que se referem ao respeito e, em determinadas situações, defesa dos direitos de nossos interlocutores frente às múltiplas configurações que ameaçam seus modos de vida, tal qual os projetos de mineração.

O “prego na bota” refere-se ao trabalho dos campeiros, os manejos pecuários enquanto práticas artesanais que tramam as relações entre os diferentes seres e o ambiente. Não encontrávamos pessoas que simplesmente realizavam atividades no sentido dado pelas relações sociais capitalistas de venda da força de trabalho por algumas horas a fim de receber um determinado valor. O que as pessoas faziam estava carregado de sentidos e de subjetividades, que envolvem suas formas de ser e de viver o mundo. Certa feita, um interlocutor, com olhar distante, tecendo suas memórias, compartilhou o ensinamento de que era o trabalho que os tornava *gente*. Assim, os campeiros, por vezes tendo seu modo de vida invisibilizado pelo Estado, pela academia e pelas políticas públicas, davam sentido ao estar no mundo; suas histórias, por meio daquilo que fazem.

Foi por estes tempos que chegou em nossas mãos a referência de Richard Sennett (2013), que, em *O artífice*, elucidava seu projeto intelectual de pensar o fazer coisas não somente enquanto um procedimento maquinal, mas como o “cultivo de um estilo específico de vida”, que poderia revelar muito acerca das pessoas que faziam tais coisas. Sennett parte da constatação filosófica de Hannah Arendt, que apresenta duas imagens de pessoas trabalhando. De um lado, o trabalho braçal rotineiro do *animal laborens*, em que as pessoas fazem coisas, mas sem saber o que estavam fazendo (SENNETT, 2013, p. 11). Uma cegueira do processo em que nada mais importa-

va do que fazer a coisa funcionar, ou seja, o considerado *animal laborens*, em uma representação de besta de carga, estava entregue à tarefa, com pouca noção de sua ação. Do outro lado, em contraponto, e também hierarquicamente superior à primeira imagem, encontra-se a atividade artesanal como uma outra forma de vida, sendo um trabalho que desenvolve a criatividade, pois se deixa de produzir para discutir e julgar em conjunto. Nesta segunda imagem, tem centralidade o conceito de *homo faber*, algo como homem que faz.

Sennett considera a divisão equivocada, pois, na sua reflexão, o *animal laborens* também tem capacidade de pensar, uma vez que, ao produzir, pode discutir mentalmente com os materiais, ao mesmo tempo em que trabalhar conjuntamente com outras pessoas possibilita que conversem a respeito do que fazem. A questão, portanto, está em responder o que o processo de fazer coisas revela a respeito daqueles que o praticam (SENNETT, 2013).

Por outro lado, o sociólogo Giovani Alves (2015), em comentário sobre às duas narrativas sobre o trabalho, considera relevante a distinção de Hannah Arendt, ao passo que são as condições existenciais das pessoas que trabalham no capitalismo. Nesse sentido, ao mesmo tempo, um trabalhador pode ser uma força de trabalho como mercadoria, ou seja, um empregado executando tarefas cotidianas, e pode, também, ser um *homo faber*, que desenvolve uma capacitação pelo engajamento.

Com as transformações do mundo do trabalho nas sociedades industriais, cujas relações sociais são tecidas em um modo de produção capitalista, enquanto um fazer produtivista, existe a tendência de o trabalho artesanal incorporar dimensões dos seus processos produtivos precarizando a própria atividade – e, por consequência, o artesão. Entretanto, Alves ressalta que o processo de

resgatar a experiência oculta do *homo faber* nas narrativas do trabalho significa demonstrar que, apesar do processo de especialização e fragmentação do sujeito que trabalha, existe (e persiste), nos interstícios do mundo vivido de homens e mulheres que trabalham em ofícios, narrativas de resistência e memória que expõe o outro lado da condição humana salientada por Hanna Arendt: a experiência do *homo faber* (ALVES, 2015, p. 14, grifos do autor).

Uma outra dimensão colocava-se neste caminho: aprendíamos com os campeiros que a habilidade artesanal, além do treinamento dos movimentos corporais que expande as capacitações, era o resultado de uma interação entre os seres, bem como dos seres com o ambiente. Ao observar

uma situação de manejo com o gado, percebíamos que humanos, cavalos, cães e bois constituíam uma relação visual e constante de “vigilância recíproca” (SÜSSEKIND, 2014). Em nossas etnografias apontamos:

Montados em cavalos, junto aos cães, os campeiros tocam adiante uma tropa de gado vacum. Homens, cavalos e cachorros, todos atentos ao movimento da tropa. Os bois atentos ao movimento dos cães e cavalos. As vacas com cria olham os cães, cuidando seus movimentos, e, vez por outra, avançam em direção a algum deles. O manejo com o gado leva em consideração a personalidade de cada grupo de animais. O gado xucro e as vacas com bezerros são os que demandam maior cuidado, pois podem atacar em algum momento de desatenção. [...]. Por outro lado, os animais que os campeiros manejam para conduzir a tropa são aqueles chamados de “gado manso”, posto que esses têm medo dos cavalos e seguem os movimentos indicados por eles (RIETH et al., 2016, p. 82).

Assim, fomos descobrindo algumas indicações à medida que folheávamos páginas de textos escritos pelo antropólogo Tim Ingold. As linhas escritas pelo autor tratam de processos de habilitação, constituídos por meio das relações entre os seres e o ambiente. Ingold (2010, p. 20) destaca a *educação da atenção*, enquanto aprendizado que não se dá pela entrega de um “corpo de informações desincorporada”, consideradas *representações*, mas pela criação, por meio das atividades de determinada geração, de “contextos ambientais dentro dos quais as sucessoras desenvolvem suas próprias habilidades incorporadas de percepção e ação”. O conceito implica (1) mostrar fazendo; (2) percepção do ambiente; e (3) construção do ambiente para as gerações futuras. O iniciante aprende imitando os gestos. Tenta repetir os movimentos corporais e rítmicos de seus mestres, mas, também, percebe os outros seres que compõem o ambiente que os envolve.

A partir destas considerações é possível perceber o trabalho campeiro como um modo de vida em que as pessoas se engajam em práticas corporais desenvolvendo habilidades. Nesse sentido, apresentaremos dois saberes e modos de fazer pecuária no Pampa onde percebemos o quanto as lidas campeiras estão imersas em formas artesanais de trabalho: a doma de cavalos e o artesanato em lã. São reflexões desenvolvidas por meio das redes de interlocutores que praticam os saberes e modos de fazer pecuária nas regiões do Pampa, que compreende, especificamente, as áreas geográficas das microrregiões da Campanha Meridional, Pelotas, Jaguarão e, agora, também, da Serra do Sudeste.

## **Os manejos pecuários como saberes artesanais**

Achamos conveniente algumas considerações sobre o que entendemos por *trabalho artesanal*, elucidando alguns manejos pecuários que aprendemos em trabalho de/no campo. Uma série de relações são colocadas no que se refere às lidas campeiras enquanto um conjunto múltiplo e tramado de saberes com modos de fazer. Podemos começar pela palavra *manejo*, que vem da junção do latim *manus* (mãos) com o verbo *agere* (agir). Em uma definição inicial, significa, então, mãos que agem. Manejar envolve, assim, treinamento por meio da repetição em que o movimento das mãos estimula determinadas regiões do cérebro expandindo a capacitação (SENNETT, 2013).

Os calos adquiridos consistem em um processo de sensibilização da mão para o controle dos movimentos por meio da “força mínima” e “aprender a soltar”, que proporciona o controle do corpo e faculta a precisão nos gestos. Assim, fazer algo repetidas vezes desenvolve a habilidade de olhar para a frente e prever aquilo que vai se transformar. Treinar a mão desenvolve-se em uma habilidade rítmica, que considera um repertório de gestos adquiridos (SENNETT, 2013, p. 190-192).

O que se entende por técnica é, assim, uma habilidade incorporada por meio do envolvimento perceptivo das práticas corporais, como o *pegar com a mão*, em que o treinamento vai constituindo as habilidades, os movimentos corporais sincronizados. (SENNETT, 2013). A maneira como se aprende um saber e modo de fazer dá-se a partir da experiência adquirida, sendo um constante processo de educação corporal na forma como os humanos movimentam a cultura em seus corpos (MAUSS, 2015). Sennett (2013) entende que a habilidade artesanal é a incorporação de um processo de conversão da informação e das práticas em conhecimento tácito. Este conhecimento é adquirido com a mão por meio do toque e do movimento. O autor escreve que, de todos os membros do corpo humano, a mão é aquela dotada de maior variedade de movimentos, o que permite trabalhar as coisas de diferentes maneiras. Nas linhas que seguem, apresentamos tais habilidades manuais.

### **Da mão que queima à mão que acaricia: sobre os encontros corporais entre humanos e cavalos na doma**

Seguindo as indicações de Sennett (2013), a força bruta e cega é contraproducente no trabalho manual. Tal afirmação é pano de fundo para a discussão entre os domadores no que se refere a seu ofício, a doma. O do-

mador é também um artífice. Detém a habilidade dos manejos técnicos para ensinar aos cavalos os conhecimentos e as práticas relacionadas aos trabalhos que envolvem a pecuária. Esse saber e modo de fazer se constitui como um conjunto de diferentes momentos e artefatos, que mediam uma relação em que o cavalo aprende formas de comunicação com o humano. (LIMA, 2015a).

Domadores dialogam entre si sobre as melhores maneiras de domar cavalos. Nesses momentos, os conceitos de violência se ampliam conforme regras de doma são testadas. Um conjunto de regras condicionam a violência de um ato para castigar. Deve ser levado em consideração o princípio da reciprocidade, em resposta a uma ação do cavalo. A violência, sem justificativa, praticada pelo domador, pode gerar como resposta do cavalo um ato violento. Seu Nelson, domador que residia em Bagé-RS, narra que “os animais agarram medo desses caras que judiam, já vêm a pau pela cabeça dos animais, né! O animal fica com raiva também. Agarra medo e agarra raiva!”.

Conforme Dula, domador que possuía um centro de doma localizado no município de Pelotas-RS, o cavalo tem que gostar da atividade que realiza. Nesse sentido, o domador ressalta a importância da relação de confiança que é estabelecida entre humano e cavalo, de forma que estabeleçam uma interação para o trabalho. Tal interação é bastante praticada nas etapas iniciais da doma, chamada em conjunto de *amanunciação*, momento em que humanos e cavalos iniciam um processo de comunicação e confiança que será a base para as etapas posteriores.

Conforme o *Dicionário de Regionalismo do Rio Grande do Sul*, de Zeno Cardoso Nunes e Rui Cardoso Nunes (1996, p. 29), *amanunciar* significa “fazer carinhos com as mãos nos potros que estão sendo domados a fim de tirá-los das cócegas”. Em nossa definição, porém, a técnica consiste num conjunto de práticas que buscam conquistar a confiança do *potro* e estimular seu interesse por uma interação. Minga Blanco, domador e proprietário rural no município de Aceguá-RS, revela que as técnicas das domas *ditas racionais* exploram este momento de iniciação do animal. Os interlocutores que praticam a *doma tradicional* adotaram as técnicas de *amanunciação* para *trabalhar a mansidão* do cavalo, facilitando a realização das próximas etapas.

Esta prática, em alguns casos elencado pelos interlocutores, é realizada desde quando o *potro* está sendo desmamado pela égua, por volta dos seis meses de idade. Assim, os primeiros contatos com o animal acontecem com a presença da égua, e o domador utiliza a linguagem corporal desta para aproximação: encosta o seu corpo no pescoço do animal e o abraça,

fazendo conforme a mãe para indicar-lhe a direção que deve tomar. O objetivo principal é apresentá-lo ao cabresto e sensibilizar a cabeça do cavalo, na busca de entender o que o domador está indicando no movimento do artefato. Busca-se também a confiança do *potro*.

Em continuidade estão os movimentos que levam a mão humana tocar na *parte cega*, localizada na testa do cavalo. Assim, o domador vai aproximando-se e conversando com o *potro*, ao mesmo tempo em que suas mãos seguram o cabresto e a corda em um processo lento de aproximar a mão ao corpo do animal. Após a permissão para acariciar o *ponto cego*, o domador passa à etapa de colocar-lhe o *cabresto*. Colocado o artefato, o domador puxa a corda que está ligada a ele e a primeira reação do cavalo é *sentar para trás* tentando tirar o objeto que está puxando sua cabeça. Neste caso, fazem-se necessários os princípios mostrados por Sennett (2013) da “força mínima” e de “aprender a soltar”, pois o domador deve manter uma leve pressão quando o animal está reagindo e aliviá-la quando este esboça uma aproximação.

Nos casos em que o *potro* está desmamado e não tem contato direto com a égua, os domadores adotam o seguinte procedimento: o animal é conduzido para dentro de um pequeno curral circular, e o domador, com o cabresto na mão, busca se aproximar. O animal entra em fuga e passa a correr em volta, enquanto o domador acompanha seus movimentos. Vez por outra, lança uma corda por trás do animal, que faz com que ele corra, em disparada. Depois de algum tempo, o *potro* começa a dar um sinal de aproximação, a cabeça baixa e sobe, começar a *lamber os beiços*. Nesse momento, o domador se aproxima do cavalo, que, aos poucos, vai permitindo o encontro. Por fim, se aproxima, acariciando o *ponto cego* e colocando o laço no focinho para o cavalo cheirar, considerando que o animal conhece algo também pelo cheiro. Após isso, o domador, lentamente, coloca o cabresto no pescoço do *potro* (LIMA, 2015a).

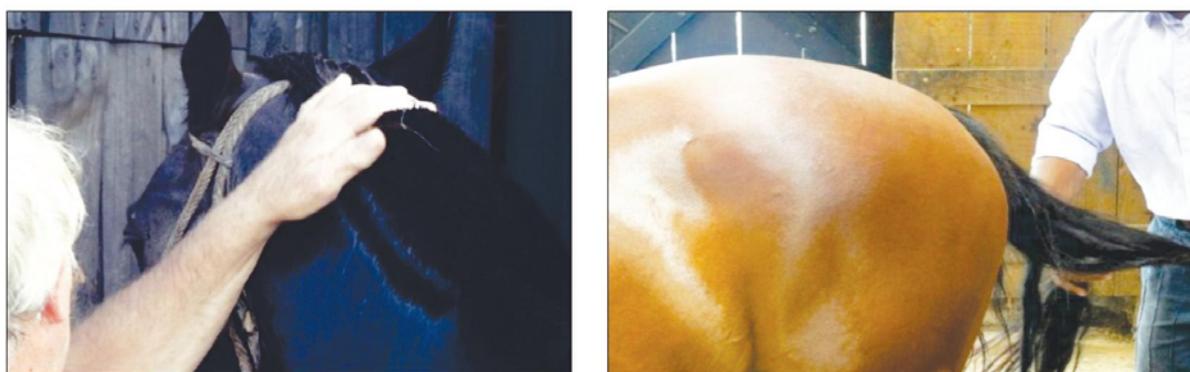
Por conseguinte, inicia-se o processo do toque da mão do domador no corpo do animal, chamado *palmeiar o potro*. Inicialmente, o domador acaricia a testa e a cabeça do *potro*. Nas etapas seguintes, toca as demais partes do corpo: pescoço, paletas, barriga, virilhas chegando às patas traseiras. Trata-se de *tirar as cócegas*, ou *trabalhar o medo*. O domador, inicialmente, vai *palmeando* o *potro*, segurando pelo cabresto, pois o animal está sensível ao toque. Essa etapa é importante para o desenvolvimento psicológico e comportamental do animal: o ensinamento é praticado de forma a não criar traumas.

O cavalo é um ser em constante fuga. Nos primeiros contatos, o seu corpo todo é fuga. O toque da mão é reprimido pelo corpo do animal e controlado pelo olhar vigilante, que quer saber os movimentos do domador. Esse olhar vigilante está presente nestes primeiros contatos e cria uma situação de defesa, e fuga. O toque, neste sentido, busca derrubar estas barreiras com intuito de estabelecer uma relação de confiança para avançar no processo de aproximação. Bayard Jacques, domador de cavalos em Jaguarão-RS, relatou, em um livro sobre suas experiências no ofício da doma, a relevância do toque da mão:

Desde os primeiros potros que amansei, sempre me impressionou o verdadeiro pavor que eles sentiam ao toque da mão. A impressão que me passavam era como se minha mão fosse fogo e queimasse. Depois de conseguir que o animal reduzido pelos elementos de contenção se deixasse apalmar a impressão era exatamente o contrário: os animais gostam de ser tocados, desde que tenham sido bem tocados (JACQUES, 2008, p. 66).

A maneira como se toca o corpo do animal (Figura 1) deve ser capaz de passar a sensação de segurança. Nesse sentido, é importante ser paciente. O cavalo é perceptivo às emoções humanas. Se o *potro* está inquieto e inseguro e o domador se mantém calmo, o primeiro irá perceber que não há motivos para o medo. Nas etapas seguintes do processo de ensinamento, esse toque que acaricia vai antecipar as ações no corpo do equino, principalmente no que se refere aos ensinamentos com os diferentes artefatos de montaria.

**Figura 1:** Aproximação do domador para com o cavalo



Fonte: Acervo do INRC – Lida Campeira na Região de Bagé-RS, 2016

Também chamado de *amansar de baixo*, a *amanunção* busca a aproximação com o cavalo, visando estabelecer uma relação de confiança em que o animal vai permitindo as ações do domador e aprendendo sem traumas. O domador observa as reações do cavalo ao mesmo tempo em que este observa

as reações do domador. Depois desta etapa, segue-se o processo em que o domador, considerando o que aprendeu sobre o cavalo e seu temperamento, vai acionando determinadas técnicas e artefatos, a fim de seguir os ensinamentos.

A habilitação (INGOLD, 2000) para domar é um processo que envolve engajamento corporal e os artefatos (SENNETT, 2013), bem como a educação da atenção (INGOLD, 2010) que consiste na percepção do que os movimentos corporais do *potro* indicam. Os interlocutores elencaram três aspectos principais para ser um domador. O primeiro aspecto refere-se a *coragem*, pois o ofício requer muito cuidado, e o domador vai aprendendo com as circunstâncias o controle do trabalho por meio da “dialética entre a maneira correta de fazer algo e a disposição de experimentar através do erro” (SENNETT, 2013, p. 181), algo que pode gerar uma fratura ou mesmo a morte; o segundo aspecto refere-se a *paciência*, que implica levar em consideração os graus de assimilação do cavalo no processo de aprendizagem; o terceiro aspecto refere-se a *gostar de ensinar*, que implica também em *gostar de aprender*, e, assim, o engajamento confere um sentimento de vocação (WEBER, 2006), sendo uma convicção comum entre os interlocutores que se está destinado a viver para domar (LIMA, 2015b).

No próximo item, apresentamos os *caminhos da lã*, termo que tomamos de empréstimo a partir da experiência da etnografia junto à rede articulada pela Associação Para o Desenvolvimento Sustentável do Alto Camaquã (ADAC). Em um dos eventos, foram apresentados os caminhos que a lã percorria, em um processo que vai do corpo da ovelha para encontro com o corpo humano. Nesses caminhos, as mãos educadas dos artífices condicionam movimento de transformação.

## **Da esquila ao artesanato: os caminhos da lã**

As tesouras cortam em um só compasso enrijecendo o braço do esquilador  
Um descascarreia, o outro já maneia e vai levantando para o tosador  
Avental de estopa, faixa na cintura e um gole de pura pra espantar o calor  
(Telmo de Lima Freitas. *Esquilador*).

A *esquila* consiste em um saber e modo de fazer que tem o objetivo de tosar – ou *tosquiar* – a lã dos ovinos (Figura 2) para transformá-la, através da confecção, em uma infinidade de outras formas, como chaveiros, cobertas, palas, boinas, tapetes, blusões, entre outros. Realizada de novembro a fevereiro, é praticada pelo esquilador que durante outros períodos do ano

realiza outras atividades na lida campeira. Assim, a esquila é forma de renda extra, que os campeiros chamam de *fazer safra*. A *esquila* é realizada pelo esquilador em *comparsa*, no interior do galpão, o que também abarca as atividades realizadas pelo agarrador, campeiro que manea as ovelhas, pelo cancheiro, que limpa a cancha dos excrementos do animal, pelo atador dos velos e pelo embolsador dos velos.

**Figura 2:** Tosquia da ovelha



Fonte: Acervo do INRC – Lida Campeira na Região de Bagé-RS, 2016

Preferencialmente, a atividade é realizada com sol alto, até antes do entardecer, para que os animais não sofram grandes mudanças de temperatura. Dentro de uma mangueira, o agarrador escolhe a ovelha que será esquilada. Os ovinos se amontoam em determinado espaço com olhar atento aos movimentos do humano que se prepara para a ação. Algo como uma linha imaginária separa o humano dos outros animais, que se mantêm atentos. Transposta esta linha pelo humano, acontece a fuga das ovelhas e, assim, o agarrador, uma vez escolhida a ovelha, age rapidamente em direção a ela, segurando-a. Após agarrá-la, e inibir a força do movimento da fuga, faz o movimento para conduzi-la até o galpão.

O processo de manea ocorre dentro do galpão (Figura 3) para não sujar a lã com terra. O campeiro derruba a ovelha, segurando-a pelas patas,

e, com a ovelha já imóvel com as patas para cima, coloca a maneira. As patas dianteiras e traseiras são cruzadas, e a corda é passada várias vezes por entre elas. A ovelha maneada é carregada até o local de trabalho do esquilador. Os artefatos mobilizados pelo esquilador são a *tesoura de esquila* ou *martelo*, ou, também, a máquina de esquila, e um *tapete*, conjunto de sacos de estopa costurados e colocados no chão para evitar que a lã suje.

A postura do corpo do esquilador acompanha a postura do corpo do animal ovino, enquanto a mão/tesoura/máquina segue o movimento de ambos percorrendo todo o animal, processo que, ao final, constitui o velo. Para quem dispõe-se a aprender a técnica, a dor no corpo é inevitável, uma vez que as lidas campeiras são narradas como *brasíssimas* (RIETH; LIMA; BARRETO, 2016). Os esquiladores chamam a atenção para a postura do corpo que deve ser adotada seguindo o corpo do ovino. Tem-se todo o cuidado para não cortar o animal com o instrumento, já que tem pele fina. Caso aconteça, é necessário curar os ferimentos feitos durante a tosa para não *criar bicheira*, que são larvas depositadas pela mosca-varejeira na lesão exposta.

Inicialmente, tosa-se do dorso o velo de lã limpa (Figura 3), ainda com o animal maneado. Em seguida, soltam-se as patas colocando a ovelha de barriga para cima e se tosa o ventre, a lã das patas e do *quarto*. Nestes locais a lã é considerada de baixa qualidade em razão dos resíduos de urina, fezes e barro (RIETH et al., 2013). A esquila aparece como uma lida dura pelo manejo repetitivo da tesoura, pelas horas que o peão permanece com o corpo curvado e pela necessidade de força física para trabalhar com o animal. Geralmente, os peões fazem uso de uma faixa na cintura para proteger o quadril e uma tira de pano para o pulso *não abrir* com o manejo da tesoura. Em razão da cera do animal ser quente, tal qual a lã, aguarda-se para tomar banho frio, para não dar *pasmo*.

**Figura 3:** Tosquia no dorso do animal, no ambiente de galpão



Fonte: Acervo do INRC – Lida Campeira na Região de Bagé-RS, 2016

Nas transformações deste ofício, insere-se a máquina de tosa e a diminuição do número de trabalhadores na *comparsa*. Este ofício ganha novas feições com a alteração da técnica em razão das práticas do bem-estar animal. Em tais práticas, as ovelhas não são maneadas (Figura 4), diminuindo o desgaste físico do ovino, além da contaminação da lã com a urina e as fezes durante a realização da tosa. Observam-se os fatores de contaminação dos velos, não juntando a lã das diferentes partes do corpo do animal e, nesse sentido, saber separar os tipos de lãs – o velo da lã das mãos, do topete e da barriga – torna-se uma forma de incitar a qualidade deste produto a ser vendido para as cooperativas, manufaturas e indústrias de confecção de lã.

**Figura 4:** Tosa da ovelha não maneada



Fonte: Acervo do INRC – Lida Campeira nos Campos Dobrados do Alto Camaquã, 2016

Seguindo o processo de transformação da lã, chegamos à feitura do fio, processo que aprendemos um pouco em trabalho de campo realizado na 8ª Expo Alto Camaquã, feira realizada na cidade de Bagé-RS, que busca divulgar e incentivar a produção de pecuaristas familiares da região. Conhecemos Seu Pedro, que produz rocas de tear desde 1983, quando a sua esposa solicitou que consertasse uma roca velha, herança de sua família, o que gerou o interesse em passar a construí-las. Um trabalho minucioso de confeccionar a madeira, que, com alguns centímetros – a mais ou a menos –, pode deixar a roca ruim. Seu Pedro estava entre os expositores que mostravam os processos de transformação da lã que iniciava na esquila, passando pela produção do fio e da confecção (Figura 5) para a comerciali-

zação. Esta exposição era elaborada pela Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater).

**Figura 5:** Artesão produzindo o fio e confeccionando um tecido em lã



Fonte: Acervo do INRC – Lida Campeira na Região de Bagé-RS, 2016

A lã, já lavada, é colocada na carda. Ter alguém que se dedique a isso é um dos problemas que encontram os artesãos. A carda manual para desfiar, desenredar e eliminar alguma impureza da lã, consiste em um par de peças de madeira, cuja a área possui pequenas pontas de material resistente, como ferro e aço. No cabo de segurar é que se dão os movimentos. Coloca-se a lã em uma dessas peças entre as pequenas pontas de metal, deixando-a em cima de uma perna. A mão que segura a outra peça passa por entre estes pedaços de lã, puxando-os, sendo um movimento que os vai separando e alinhando. Neste processo, as fibras vão passando para a carda móvel, o que gera troca de posições quando todas já foram passadas. Conforme Santos (2004), o processo exige concentração, habilidade manual e esforço físico repetitivo, pois a fibra contém a lanolina, gordura da pele da ovelha que confere resistência.

Após passar pela carda, a lã desfiada é fiada pela roca, instrumento de madeira constituído por uma roda que gira um carretel. Com a mão, dá-se início ao giro da roda que segue seu movimento tocada pelo pé, ao passo em que as mãos se concentram em trabalhar os pedaços de lã que aos poucos vão passando para o carretel. Nesse movimento, os pedaços de lã vão se agregando e formando o fio. Seu Pedro disse que a lã branca é a mais valo-

rizada, porém o valor dela aumenta após passar pela roca. O fio então se juntará aos outros fios no processo de confecção. O tear (Figura 6) é outra peça de madeira constituído pelo pente e o navete. Disponibiliza-se os fios em paralelo para após cruzar os outros fios com o navete e juntá-los com o pente em um processo que vai construindo o tecido.

**Figura 6:** Artesão tecendo no tear



Fonte: Acervo do INRC – Lida Campeira nos Campos Dobrados do Alto Camaquã, 2016

O que apresentamos aqui consiste em uma aproximação com o trabalho artesanal que envolve o processo de transformação da lã que sai da ovelha para chegar ao corpo humano. A extensão do inventário da lida campeira para a região do Alto Camaquã instigou o estudo do artesanato em lã que, por sua vez, estava entendida como atividade associada nos primeiros resultados (RIETH et al., 2013). A pesquisa de Daiane Loreto de Vargas (2016) mostra o quanto a atividade vem se configurando ao longo do tempo, fazendo com que estes artífices adaptassem seus modos de fazer, mas também os processos de trabalho e os materiais utilizados, uma vez que, atualmente, existe demanda de um mercado consumidor urbano e vinculado à resignificação do “ser gaúcho”.

## Conclusão

José Sérgio Leite Lopes (2013), em *O trabalho visto pela antropologia social*, argumenta que o tema do trabalho está presente nas etnografias so-

bre grupos indígenas, étnicos, camponeses, artesãos, embora não como central da reflexão, mas embutido na vida social do grupo. Este aspecto se tornou domínio da antropologia somente no momento em que, nas sociedades capitalistas, ocorre o processo de proletarização dos camponeses, os quais migraram do campo para a cidade tornando-se trabalhadores industriais.

A antropologia brasileira, enquanto uma antropologia feita em casa (PEIRANO, 1999), passa então a se preocupar em etnografar o impacto do capitalismo sobre esses grupos de trabalhadores. Entretanto, parece-nos que o centro das reflexões é o *trabalhador assalariado*, algo que não dá conta daqueles que exercem ofícios da lida campeira, sejam agricultores familiares, artesãos e peões da pecuária. Nesse sentido, quando deixamos de estudar o trabalhador enquanto categoria social, para concebê-lo como “uma pessoa humana que trabalha” (ALVES, 2015, p. 9), podemos enriquecer as reflexões antropológicas sobre o assunto. Assim, o tema dos ofícios e profissões, enquanto uma dimensão oculta dentro do sistema capitalista, ganha relevância e centralidade em nossas pesquisas.

O conjunto de observações escritos por Leticia Ferreira e Jussemar Gonçalves (2012a; 2012b), referente aos trabalhadores rurais do Pampa, nos conduzem a pensar sobre um modo de vida em constante transformação – e, em alguns casos, em ruínas; que concilia o trabalho, a lida do campo, o convívio com os animais e a vida. O autor e a autora argumentam que poucos trabalhos foram produzidos no Pampa brasileiro referente à história, à memória e ao modo de vida de trabalhadores rurais. Compartilhamos a constatação dos autores, tendo como pressuposto que isso se deve a certa perspectiva das ciências sociais que considera os modos de vida desses trabalhadores e dessas trabalhadoras como em processo de extinção, por não estar de acordo com os padrões capitalistas de produção da vida social. O mundo moderno relega ao desaparecimento o modo de vida artesanal, considerado atrasado, rústico, enquanto a etnografia insiste em mostrar que estão vivos e em transformação.

As relações que são tecidas com a doma e com a lã, e acompanham seus caminhos, servem como condutora de entendimentos sobre o modo de vida campeiro, que particulariza saberes associados a ofícios. Impor um processo extinção a um grupo que partilha um determinado modo de vida, sem questioná-los sobre como constroem suas próprias relações sociais e políticas e como se adaptam às transformações que ocorrem a partir destas relações, é desconsiderar a compreensão das possíveis formas de vida cons-

truídas de diferentes maneiras, por grupos diversos. No âmbito do cotidiano constroem-se relações que entram em conflito com os padrões de desenvolvimento vindos de outros contextos e incapazes de dar conta destes modos de ser e viver. Entretanto, os ofícios voltados para a manutenção da pecuária no Pampa, abarcados pela lida campeira, vêm transformando-se a partir das novas configurações do mundo do trabalho.

## Referências

- ALVES, G. Prefácio: *animal laborens e homo faber*. In: NUMMER, F. V.; FRANÇA, M. C. C. C. (Orgs.). **Entre ofícios e profissões: reflexões antropológicas**. Belém: GAPTA/UFPA, p. 9-14, 2015.
- FERREIRA, L. F.; GONÇALVES, J. W. O cavalo e a pedra: quando a vida e o trabalho se encontram. **Historiae**, v. 3, p. 137-154, 2012a.
- FERREIRA, L. F.; GONÇALVES, J. W. O Campo e o Trabalho: a memória como resistência. **28º Reunião Brasileira de Antropologia**, Anais 26ª RBA. São Paulo: Associação Brasileira de Antropologia, v. 1, 2012b.
- INGOLD, T. **The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill**. London/New York: Routledge, 2000.
- INGOLD, T. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, 2010.
- INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, v. 18, n. 37, p. 25-44, 2012.
- JACQUES, B. B. **Registros da eficiência da equitação gaúcha: primeiros escritos**. Jaguarão: Edição do autor, 2008.
- LATOUR, B. **Reagregando o social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede**. Salvador/Bauru: Edufba/Edusc, 2012.
- LIMA, D. **“Cada doma é um livro”**: a relação entre humanos e cavalos no Pampa sul-rio-grandense. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015a.
- LIMA, D. **“O cavalo é quem te dá as dicas”**: uma etnografia da relação entre domadores e cavalos no pampa brasileiro. **Rau**, v. 7, n. 1, p. 193-210, 2015b.
- LOPES, S. L. O trabalho visto pela antropologia social. **Revista Ciências do Trabalho**, v. 1, n. 1, p. 65-84, 2013.
- MAUSS, M. As técnicas do corpo. In: MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cozac e Naify, 2015, p. 397-420.
- NUNES, Z. C.; NUNES, R. C. N. **Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996.

PEIRANO, M. Antropologia no Brasil: alteridade contextualizada. MICELI, S. (Org.). **O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)**. Brasília: Sumaré, 1999, p. 225-266.

PEIRANO, M. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 377-391, 2014.

RIETH, F.; KOSBY, M.; SILVA, L. B.; RODRIGUES, M. B.; DOBKE, P.; LIMA, D. **Inventário Nacional de Referências Culturais: Lidas Campeiras na Região de Bagé, RS (v. 2)**. Arroio Grande: Complexo Criativo Flor de Tuna, v. 1, 2013.

RIETH, F.; LIMA, D.; BARRETO, E. “*Lida brabíssima*”: a cultura da caça como constituidora da relação entre humanos, animais e artefatos na pecuária extensiva no Pampa brasileiro. **Revista Teoria e Cultura**, v. 11, n. 2, p. 81-91, 2016.

SENNETT, R. **O artífice**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

SANTOS, M. L. **Do galpão ao salão: o pala gaúcho como referencial na criação de design têxtil**. Monografia (*Design e Estamparia*) – Especialização em *Design e Estamparia*, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2004.

SÜSSEKIND, F. **O rastro da onça: relações entre humanos e animais no pantanal**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

VARGAS, D. L. **Tecendo tradição: artesanato e mercado simbólico em uma comunidade rural do Pampa gaúcho**. Tese (Doutorado em Extensão Rural) – Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

WAGNER, R. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

WEBER, M. **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: LTC, 2006.